

**A Pessoa Mbyá-Guarani e a Emergência da “Cultura do Beber”:
as Múltiplas Causas do Beber e as Conseqüências Desencadeadas pelo**

Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas - RS¹

Luciane Ouriques Ferreira²

A presente comunicação tem como objetivo refletir sobre a construção do fenômeno do uso abusivo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani³ no RS. Este fenômeno pode ser situado no interior de uma cultura do contato, produzida durante o processo histórico de relações interétnicas estabelecidas entre este grupo étnico e a sociedade nacional. Ao consumo de bebidas alcoólicas se agrega um conjunto de práticas e significados que formam um sistema interétnico, que articula as concepções, o estilo e as práticas tradicionais do grupo, a elementos da sociedade ocidental que foram incorporados a este universo através do contato: alimentos, músicas, bebidas alcoólicas, etc.

Nesse sentido, daremos ênfase ao ponto de vista do sistema médico Mbyá sobre o uso de bebidas alcoólicas⁴ e às interpretações cosmológicas referentes ao impacto desse

¹ Comunicação a ser apresentada no GT Pessoa, Saúde e Corporalidade: Cruzamentos na V Reunião Brasileira de Antropologia, Florianópolis -SC, 30/11/03 a 02/12/03.

² Mestre em Antropologia Social, Pesquisadora associada ao Centro de Monitoramento, Intervenção e Metodologia de Pesquisa em Alcoolismo e Saúde Indígena entre Povos Indígenas, Professora Substituta no Departamento de Antropologia da UFRGS.

³ A sociedade Mbyá-Guarani, pertence ao tronco lingüístico Tupi, Família Tupi-Guarani e Dialeto Mbyá. No Rio Grande do Sul os Mbyá-Guarani vem ocupando 23 áreas, entre acampamentos temporários e aldeias permanentes. Contam com uma população de aproximadamente mil indivíduos (FUNASA, 2000), organizados em cento e oitenta e três famílias (Garlet & Assis, 1998). As aldeias Mbyá-Guarani no RS caracterizam-se por uma população pequena, poucas são as que ultrapassam o número de 100 pessoas. Sua organização social gira em torno da família extensa e da liderança religiosa tradicional e/ou política.

⁴ “Segundo a ótica da biomedicina, o alcoolismo vem sendo definido como uma doença que se manifesta igual em todas as culturas. O enfoque é o indivíduo, que tem uma dependência biológica, o que resulta em comportamento desviante trazendo assim muitas conseqüências negativas para ele e seu grupo. Segundo a psicologia, a dependência ocorre no nível individual também é atribuída às causas psíquicas. Ambas ciências concordam que uma vez instalada, não há cura. A única solução é a abstenção, reconhecendo que o alcoólatra que deixa de beber não é considerado curado; ele é um alcoólatra em recuperação” (Langdon, 1999:1).

uso sobre a Pessoa Mbyá. Também pontuaremos algumas das alternativas de intervenção desenvolvidas a partir da orientação dos especialistas de cura Mbyá-Guarani: os *karai*⁵.

A reflexão etnográfica aqui apresentada está calcada sobre a experiência proporcionada pela realização do Diagnóstico Antropológico Participativo sobre a Manifestação do Alcoolismo entre os Povos Indígenas no RS: subprojeto Mbyá-Guarani⁶, que teve como desdobramento a realização de três Reuniões Gerais dos Karai⁷, Caciques e Lideranças Mbyá-Guarani sobre o uso abusivo de bebidas alcoólicas e alcoolismo/RS⁸ e o Percorso Terapêutico dos Xondaro Marãgatu⁹. Tais ações estão sendo desenvolvidas em parceria pelas lideranças Mbyá-Guarani, o Centro de Monitoramento em Metodologias de Pesquisa e Intervenção em Alcoolismo e Saúde Mental entre Povos Indígenas (CIPSI), a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), contando com financiamento do Projeto VIGI-SUS e do apoio do Ministério Público Federal/Procuradoria da República.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: num primeiro momento faço uma revisão sobre a noção de pessoa Mbyá-Guarani relacionada a alguns fatores que compõe o sistema médico tradicional do grupo; num segundo momento passo a descrever o fenômeno do uso de bebidas alcoólicas enquanto articulando diferentes dimensões que configuram uma cultura do beber específica; finalmente trago algumas anotações sobre as

⁵ O fenômeno do uso abusivo de bebidas alcoólicas entre povos indígenas é causado e determinado por múltiplos fatores: biológicos, psicológicos, históricos, sociais e culturais. Sendo assim, acreditamos que para abordá-lo faz-se necessário, “(...) deslocarmos o alcoolismo do campo *universal/individual/causa única* para o campo *cultural/coletivo/multifatorial*” (Langdon, 1999:2).

⁶ 17 Aldeias Mbyá-Guarani do RS foram visitadas com a realização desse Diagnóstico, que teve como objetivo montar um panorama tipológico da situação alcoólica dessas comunidades no RS: comunidades problemáticas (27,7%); comunidades que negam o problema (11,2%); comunidades em situação de risco (16,6%); comunidades sem problema (44,5%).

⁷ Lideranças religiosas e especialistas de cura Mbyá-Guarani.

⁸ Nos anos de 2000, 2001 e 2003, respectivamente.

⁹ Realizado no ano de 2002.

ações de intervenção que tem sido desenvolvidas no sentido de reduzir os danos e o consumo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá.

1) Aspectos Cosmológicos: A Noção de Pessoa e o Sistema Médico Tradicional

O fenômeno do uso de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani, enquanto um fenômeno de doença, situa-se no interior do seu sistema médico tradicional¹⁰. Para o compreendermos é fundamental considerarmos alguns aspectos da sua cosmologia que permita nos situarmos frente a esta problemática, entre elas: a noção de pessoa deste grupo indígena, já que é sobre a pessoa que as doenças acontecem e o seu sistema etiológico lugar onde encontramos imersas as interpretações relacionadas ao uso de bebidas alcoólicas.

A noção de pessoa Mbyá articula e está articulada a uma série de relações cosmológicas, que podem ser origem de boa saúde ou causa de inúmeras doenças. Os Mbyá-Guarani crêem que a pessoa é composta por dois espíritos: um de natureza divina, proveniente diretamente dos deuses cosmogônicos, o *nhe'ë*; e o outro, de natureza telúrica.

Ao *ñe'ë*,

“(...) espécie de espírito protetor, incumbe a segurança do indivíduo, vigiando-o. (...) É parte integrante do seu eu. (...) Os *ñe'ë* caracterizam-se por existência relativamente livre, isto é, existem independentemente do corpo, podendo deixá-lo, (...) e retirar-se para regiões longínquas (Schaden, 1962:137-138).

¹⁰ “Saúde, doença e cura acontecem dentro de “sistemas médicos” específicos, o que lhes confere significados e modelos de ação próprios. O conceito de sistema médico não somente privilegia os aspectos simbólicos da cultura, como diz respeito a integração de crenças etiológicas, às normas guiando a escolha e avaliação de tratamento, aos papéis sociais dos atores envolvidos, às relações de poder, aos eventos de interação e às instituições encarregadas das questões de saúde. Os sistemas médicos (...) existem dentro de realidades simbólicas social e culturalmente construídas, realidades estas que são mediadoras das ações humanas. Portanto o que as pessoas percebem como doença e os sintomas a ela associados são modulados pelo sistema cultural, assim como as ações curativas tomadas e as avaliações subsequentes” (Langdon, 1994:118).

O *nhe'ë* é enviado pelos seus Verdadeiros Pais (*Ñe'eng Ru Ete*) à Terra¹¹, morada terrena das imperfeições, para ali encarnar-se e viver. Esta alma divina provém diretamente dos deuses cosmogônicos e o nome que a pessoa Mbyá-Guarani recebe em seu batizado, está diretamente relacionado ao Deus que é o seu criador¹².

No ritual de batismo (*nhemongaraí*), será revelado ao *karaí*, através da sua capacidade de entrar em contato com *Nhanderu* (Nosso Pai = Deus), a procedência da alma divina que ali está encarnando e o nome sagrado¹³ desta alma, aquele que acompanhará a pessoa durante sua vida e que “sustentará erguido o fluir do seu dizer”¹⁴.

Por outro lado, o espírito telúrico é o princípio terrestre da alma adquirido junto ao corpo, quando a alma divina encarna na terra. Este espírito desenvolve-se no decorrer da vida da pessoa como resultado do seu modo imperfeito de viver (*teko achy*).

Em vida, a “alma telúrica” é designada pelo termo *an* (princípio vital). Ao morrer, esta alma se converte em *mbogüia*, enquanto o produto da condição humana de imperfeição (*teko achy*). O *mboguä* é um fantasma muito temido e que vaga pelos lugares onde a pessoa transitou em vida. É a sombra, o rastro, o eco do ser humano¹⁵. Sendo este um dos agentes causadores de doença.

Se a vida mistura os diferentes princípios que compõe a pessoa Guarani, constituindo-a numa síntese dinâmica; a morte enquanto evento que transforma a pessoa

¹¹ Cadogan, 1950.

¹² “Quando *Nhamandu Ru Ete* (também chamado *Kuarai*) concebeu as demais divindades – *Carai Ru Ete* (leste), *Jacaira Ru Ete* (zênite) e *Tupã Ru Ete* (oeste) – conferiu-lhes o encargo das almas-palavras dos futuros homens; são estas divindades, por essa razão, chamadas de *Ñe'eng Ru Ete* (pais verdadeiros das almas-palavras) que o xamã (no ritual de batismo) invoca para saber de onde vem a alma da criança e qual é o seu nome” (H. Clastres, 1978:88).

¹³ “O nome a seus olhos, é a bem dizer um pedaço de seu portador, ou mesmo quase idêntico a ele, inseparável da pessoa. O Guarani não “se chama” fulano de tal, mas ele “é” este nome. O fato de malbaratar o nome pode prejudicar gravemente a seu portador” (Nimuendajú, 1987:31-32).

¹⁴ Cadogan, 1950.

¹⁵ *Idem*.

encerra em si uma força dispersiva: o espírito divino que provém de um dos paraísos divinos retorna a sua morada de origem; o corpo (*te-tê*) é enterrado e passa pelo processo da putrefação; e a alma telúrica fica a vagar na terra em torno aos seus parentes vivos¹⁶.

Entretanto, para os Mbyá-Guarani a morte não necessariamente é o destino final da pessoa. Isso aponta para o ideal de realização da pessoa Tupi-Guarani: a pessoa que consegue alcançar a Terra sem Mal (*yvy marã'ey*). Nesse sentido, a posição da pessoa na vida está entre estes dois aspectos da sua alma: entre o divino e o telúrico, entre o *nhe'ë* e o *teko achy*. A plenitude da pessoa só será alcançada no futuro depois de percorrido um caminho, somente depois de haver superado a sua dimensão *teko achy* é que ela alcançará a Terra sem Mal, transformando-se em Imortal, pois conseguiu aniquilar aquilo que a corrompia: a morte, a transitoriedade. Aqui a pessoa se realiza enquanto devir-Outro, enquanto devir-Imortal¹⁷.

Para finalizarmos esta etapa, ainda faz-se necessário retomarmos outros aspectos do sistema médico Mbyá-Guarani: a etiologia e os pilares estruturantes deste sistema.

Entre os outros fatores que podem causar doenças encontramos os *anhã* - seres demoníacos que podem raptar ou comprar o espírito divino da pessoa, através das suas influências nocivas; ou mesmo as ações das pessoas que são contrárias às regras estabelecidas pela tradição. Aqui chegamos ao fator central no desencadear das enfermidades: quando o *nhe'ë* se afasta da pessoa Mbyá devido a uma conduta que vai contra os ensinamentos deixados pelos deuses.

¹⁶ Viveiros de Castro, 1986.

¹⁷ “ (...) não propriamente existe: enquanto Devir, ela não é; enquanto relação móvel entre os termos, ela é um ‘entre’ (um entre -dois), não um ‘ente’. Ao dissolver em si os extremos (divino – telúrico), as sociedades Tupi-Guarani, em seu desassossego ontológico recusam a finitude, buscando resolver o problema colocado pela morte” (Viveiros de Castro, 1986:118-123).

As doenças que são causadas pelos fatores descritos acima só podem ser curadas pelo *karai* por serem consideradas “doenças espirituais”¹⁸. Segundo Felipe, “*karai é aquele que tem contato com Nhanderu*”, sendo inspirado por Ele¹⁹.

O *karai* desempenha um papel fundamental no sistema sócio-cosmológico Mbyá-Guarani, por estabelecer a mediação entre os diferentes seres que habitam o cosmos. A prevenção, o diagnóstico e a cura das doenças espirituais são atribuições dos *karai*. É da relação espiritual que ele mantém com *Nhanderu* que provém a faculdade de prevenir as patologias e diagnosticar suas causas, descobrindo a classe de doenças que aflige o enfermo. Também é a partir desta relação que provém o seu poder de curar e definir a terapia adequada para os pacientes.

As outras atribuições do *karai* são os batizados, o conselho, o conhecimento e a guarda das “belas palavras” (*ayvu porã*), a profecia e a liderança dos rituais religiosos.

Para que a relação entre o *karai*, os espíritos e *Nhanderu* se mantenha é necessário a *Opy* (casa de reza), espaço sagrado onde são realizados os rituais religiosos e de cura. Os rituais sagrados realizados na *Opy* respondem pela manutenção da relação da pessoa com o seu espírito divino, fonte da boa saúde para os Mbyá-Guarani. É na *Opy* que o *karai* identifica a doença e o remédio para curá-la. Sem *Opy* não há *karai*.

Terra, *Opy* e *karai* são elementos interdependentes, da existência de um depende a manutenção dos outros. Tais elementos constituem-se nos pilares do sistema médico tradicional, pois além de serem os responsáveis por estabelecer e manter a boa relação da

¹⁸ Ver Ferreira, L.O. “Mbae Achÿ: a concepção cosmológica da doença entre os Mbyá-Guarani num contexto de relações interétnicas – RS”. POA, PPGAS/UFRGS, 2001.

¹⁹ “El *ipaje* es un hombre religioso. Poseído por lo divino, ve, interpreta y es capaz de comunicar a los otros esa realidad sobrenatural. (...) O *ipaje* dentro de la comunidad es como um catalizador de mediaciones espirituales en el campo de la salud, de la agricultura y del gobierno. (...) Os *karai*, “son hombres carismáticos, cuyo saber e capacidad non les viene por enseñanza ni aprendizaje, sino por inspiración, por naturaleza” (Melià, 1988:59-60).

peessoa Mbyá-Guarani com o seu espírito de origem divina, também protegem as pessoas dos males que poderiam causar-lhes doenças: tanto as espirituais quanto as “fabricadas pelo mundo do branco”, como é o caso das produzidas pelo uso de bebidas alcoólicas.

2) O Fenômeno do Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas enquanto Cultura do Beber

Atualmente existe uma diversidade de situações alcoólicas entre as comunidades Mbyá-Guarani do RS. Essa diversidade é resultado do processo histórico de contato interétnico, que exerce uma influência sobre a organização social e a cosmologia Mbyá-Guarani criando em cada comunidade condições de vida específicas.

Os Mbyá-Guarani reconhecem o uso de bebidas alcoólicas como um problema vigente em algumas comunidades no RS, não como uma doença do indivíduo, que possui uma dependência física e biológica do álcool. Mas sim como tendo um impacto nocivo à vida da pessoa que bebe e, principalmente, à comunidade na qual se bebe. Nesse sentido, o uso de bebidas alcoólicas pode ser considerado uma doença, segundo o ponto de vista do sistema médico tradicional, pois gera desequilíbrios na vida da comunidade e ameaça o sistema sócio-cultural. A doença aqui é a própria situação que cria e é criada por esta prática, no cotidiano das comunidades indígenas.

A pessoa Mbyá não é considerada um “bebedor problema” porque bebe, mas porque cria problemas à sua família e também à comunidade. A pessoa que não tem controle sobre o “beber”, que bebe até acabar a bebida ou até desmaiar, não tem condições para cuidar e sustentar a sua família, pois gasta a maior parte do seu dinheiro na compra das bebidas alcoólicas e não em alimentos, isso quando não envolve o seu cônjuge e seus filhos também no consumo do álcool. Além disso, ela pode tornar-se violenta com a sua

família ou com outros parentes que moram na comunidade, além de serem alvo de diferentes tipos de acidentes, criando transtornos para todos.

As famílias assentadas nos Acampamentos na beira das estradas e as Aldeias localizadas próximas aos centros urbanos são mais vulneráveis ao uso abusivo de álcool, devido ao contato mais intenso com a sociedade regional e o acesso fácil às bebidas.

Nos lugares onde há uso abusivo de bebidas alcoólicas, os ensinamentos e o modo de ser dos antigos não são respeitados, os rituais tradicionais não são atualizados (reza, canto e dança) e as “festas de branco” passam a ser práticas correntes.

Estas comunidades funcionam como núcleos de difusão do uso de bebidas alcoólicas, lugar onde as pessoas apreendem e passam a gostar de beber. Isso se deve aos permanentes deslocamentos espaciais Mbyá: seja para visitar parentes, seja para trabalhar como peão ou vender artesanato em determinadas épocas do ano.

A prática do beber entre os Mbyá-Guarani tem os seus momentos, espaços e formas específicas de manifestação. O momento privilegiado para o consumo de álcool etílico nas comunidades com incidência de uso abusivo de bebidas alcoólicas é “as festas de branco”, onde grande parte das pessoas da comunidade é envolvida nas bebedeiras coletivas com alto consumo de bebidas alcoólicas. Estas festas geralmente acontecem dentro das comunidades ou nos bares próximos a elas. As atividades desenvolvidas nestas festas são: os jogos de futebol, os “bailes de branco” ao som de música sertaneja e os jogos de cartas (baralho) com apostas feitas por dinheiro.

A) As múltiplas causas do “beber”

A origem do beber para os Mbyá-Guarani, encerra múltiplos níveis, constituindo-se num fenômeno com múltiplas causas interdependentes. Estas explicações causais emergem

do seu sistema etiológico. Podemos classificar os fatores que contribuem na construção do fenômeno do uso abusivo de bebidas alcoólicas em quatro grupos: I) contato interétnico (causas externas ao grupo); II) (des) organização interna das comunidades; III) nível espiritual (cosmológico); IV) motivações pessoais.

I) Contato interétnico (causas externas ao grupo)

Os Mbyá-Guarani reconhecem como causa principal do uso abusivo de bebidas alcoólicas a inexistência de terras com ambiente natural apropriado para a manutenção do seu modo de ser. Nesse sentido, os principais responsáveis pelo consumo de álcool entre os Mbyá são os “brancos” (*juruá*).

Nesse sentido, as lideranças Mbyá nos remetem, inevitavelmente, às comunidades localizadas nos Acs. existentes na beira das estradas, como lugares que se encontram em situação de risco no que se refere ao uso de bebidas alcoólicas, pois não existe terra para a fundação da Aldeia (*Teko'á*), para a construção da *Opy* e a para a plantação tradicional.

As práticas culturais alcoólicas são incentivadas pelo intenso contato com a sociedade regional. Além de reduzirem o território Mbyá-Guarani quando os expulsaram do mato, os “brancos” também criaram uma fábrica que produz cachaça. Com isso, o uso de bebidas alcoólicas enquanto patologia tem sua origem no “mundo dos brancos”, já que a bebida vem de fora da aldeia. O uso de álcool é uma doença produzida pela fábrica do branco e tem uma influência perversa na relação da pessoa com o *nhe'ë* e com *Ñanderu*.

No momento em que o contato com a sociedade envolvente se intensifica, não só o Mbyá aprende a tomar *caña* (cachaça), mas também aprende a jogar futebol, fazer carteados e a realizar os “bailes de branco”. Esse “processo de aprendizagem” se dá, através de determinados “mecanismos de **imitação**”.

“Os Mbyá mais velhos entraram no mato e se esconderam do homem branco, mas hoje, principalmente não tem mais terra, então o Mbyá vê o branco beber e tem que saber se gosta ou não” (Alexandre Duarte, Barra do Ribeiro).

As “festas do branco” e os jogos de futebol são práticas desenvolvidas na relação de trabalho estabelecida entre os Mbyá e a sociedade regional. Quando começa a trabalhar para o branco, a pessoa tem acesso às suas formas de diversão e começa a querer imitá-las nas aldeias, aí tem início o processo de dissociação entre os momentos de trabalho e lazer: durante a semana o trabalho na colônia, no final de semana os “bailes do branco”.

Uma das mais importantes e fundamentais relações sociais interétnicas, responsáveis por desencadear o uso abusivo de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani, é a do trabalho fora da aldeia, prestado para o homem branco, relação esta mediada pelo dinheiro. Segundo o *karai* Mário Acosta (Perumi),

“o Mbyá aprendeu a tomar cachaça em 1951 lá no Paraguai, quando começou a trabalhar fora pra juruá. O patrão então dava comida, vinho e caña pra Mbyá. Naquela época não era litro, era um tacho e se pegava a caña com caneco. Foi aí que Mbyá aprendeu a tomar”.

A facilidade com que os Mbyá tem acesso às bebidas alcoólicas é outro fator que deve ser considerado como uma das causas do seu consumo: isso considerando tanto o baixo custo da cachaça, quanto a proximidade das comunidades aos pontos de venda de bebidas alcoólicas.

Por fim, não podemos perder de vista as relações interétnicas que as comunidades estabelecem com a sociedade regional, com a população do entorno das aldeias, especificamente com os donos dos bolichos e os patrões dos Mbyá. Estas relações são calcadas sobre determinados padrões de troca e de interdependência. Sendo a compra de bebidas alcoólicas e o seu uso, uma das práticas incentivadas nestas relações sociais.

II) (des) organização interna das comunidades

Embora a causa primeira do fenômeno do uso abusivo de bebidas alcoólicas refira-se ao processo de contato interétnico, o beber tem um impacto direto sobre a pessoa e sobre a organização social tradicional deste grupo étnico.

Sim, para os Mbyá-Guarani o uso abusivo de bebidas alcoólicas constitui-se em um problema e é considerado como uma “doença”, mas porque algumas pessoas e comunidades estão expostas à tal doença, enquanto outras não?

Segundo a perspectiva Mbyá-Guarani, os lugares mais expostos aos problemas desencadeados pelo uso abusivo de bebidas alcoólicas são aqueles que não tem *Opy*.

A *Opy* como já vimos, propicia a ligação da pessoa com *Nhanderu*, o que por si só, as protege dos perigos de ficarem doente e de tornarem-se um *cau* (bebedor). Nesse sentido, a *Opy* e a dimensão ritual que a ela está associada, possui um caráter preventivo protegendo as pessoas das enfermidades que as ameaçam. É neste espaço também, que as crianças aprendem os cantos (*porái*) e as danças (*jerojy*) sagrados. Também é ali que escutam, através das boas palavras, os conselhos do *karaí* que as orientam a não beberem.

Os lugares onde não existe *Opy* encontram-se sem a proteção divina e a mercê de muitos perigos: doenças, mortes, brigas e outras calamidades. É também nestes locais que as “festas de branco” tornaram-se práticas correntes substituindo por vezes, os rituais tradicionais.

Outro fator apontado pelos Mbyá como contribuindo para o uso abusivo de bebidas alcoólicas em algumas comunidades é a inexistência do *karaí*. Neste caso, não há como ter *Opy*, pois não há que cuide dela. Sendo assim, a comunidade está desligada de Deus, já que os rituais tradicionais não são realizados e os conselhos não são dados.

Também, a falta de autoridade e legitimidade de algumas lideranças para orientar o seu grupo é outro dos fatores que contribuem para o uso abusivo de bebidas alcoólicas. Isso acontece muito nos lugares em que a própria liderança bebe. Todos esses fatores são sintetizados por Felipe Brizuela, quando afirma que uma das causas desse problema é

“falta de organização que as comunidades Mbyá-Guarani vem experienciando atualmente. Que antigamente tinha Opy, havia caciques e kara com, autoridade para organizar as comunidades. E que hoje se o cacique bebe, como ele vai cobrar de seus parentes para que parem de beber?” (Felipe Brizuela, Riozinho).

Outro elemento deste mesmo problema, passa pelo processo de desvalorização vivenciado por uma grande quantidade de jovens, com respeito ao conhecimento dos *karaí* e das pessoas mais velhas em geral, aquelas que conhecem o modo de viver dos antigos. Ou seja, a desvalorização da própria tradição. Aqui, coloca-se um conflito entre gerações: entre os guardiões das tradições e os que querem os supostos benefícios do “mundo do branco”.

Por outro lado, há comunidades que estão vivendo em áreas demarcadas e que possuem *karaí* e até mesmo *Opy*, e que a incidência do uso de bebidas alcoólicas é alta. Nestes casos, a causa seria a falta de conselho

“pra passar pro povo, pra família, daí não tem ajuda pelo Deus né. Porque a gente tem que pedir pra Deus uma palavra, pra deixar uma palavra bonita, concentrar e sentir vai aquela pessoa, pra colocar uma idéia bem certa: - a gente tem que parar um pouquinho de beber, vamos lembrar nosso deus!” (José Cirilo)

Mais uma nuance desta questão da autoridade da liderança: ao querer estabelecer um controle do uso de bebidas alcoólicas dentro da comunidade, os bebedores sempre tem a alternativa de mudarem-se para outros locais onde é possível continuar bebendo e “se divertindo”.

III) Dimensão espiritual (cosmológica)

As comunidades em que o sistema ritual não é atualizado, isto é, onde não há *Opy* nem *karái* e, conseqüentemente, também não há as boas palavras transmitidas através da instituição do conselho, as pessoas ficam à mercê dos perigos de ficarem doentes. Entre estes perigos está o da pessoa tornar-se um “bebedor” (*cau*).

Essa não atualização do sistema ritual significa para os Mbyá-Guarani, que as pessoas esqueceram de *Nhanderu* que, por isso, não pode mais proteger os seus filhos Mbyá aqui nesta Terra. Este é o motivo espiritual principal para a causa de várias doenças: quando a pessoa, ou mesmo a comunidade se esquece e “desliga” de Deus.

Nesse sentido, as bebidas alcoólicas também emergem no discurso Mbyá-Guarani, como uma prova colocada pelos Deuses, para testar a pessoa e saber se ela realmente está ligada aos seres Divinos ou não.

Ao esquecerem-se de *Nhanderu* e do *nhe'ë*, a pessoa fica a mercê da influência dos espíritos maléficos: dos *anha* e dos *mbogúá*. Estes espíritos aproveitam que a pessoa não está ligada a Deus e as influenciam, levando-as a beber e perder o controle sobre si própria.

Por outro lado, no próprio ato de beber é possível estabelecer uma relação espiritual com a bebida alcoólica: seja porque o espírito do bebedor se casa com o espírito da bebida alcoólica²⁰; ou porque

“a canha é o diabo! Não precisa tomar muito pra ficar bêbado, a pessoa toma um pouquinho e se o espírito não gosta, ele vai se afastando devagarinho, daí o

²⁰ “Porque como você tá bebendo, quando você toma, não está pensando lá em cima, porque você ama, você gosta, você se apaixonou por beber. Porque essa bebida alcoólica tem espírito! Porque não quer parar? Essa bebida tem espírito, e esse espírito está casado com seu corpo. Esse é o princípio! Quando você sente tonto de tomar bebida alcoólica se sente livre, sente uma coisa de natureza (vontade de fazer sexo), sente muita coisa. Esse espírito quando casa comigo, não quero parar nem um dia, parece que não vai conseguir parar!” (D. Marcelina, Salto do Jacuí).

espírito dos mortos vão pressionando a pessoa. É por isso que ela fica bêbada e não por causa do álcool”.

Se o contato interétnico é a causa externa primeira do fenômeno do uso de bebidas alcoólicas, podemos afirmar que as causas espirituais articuladas às questões de organização interna são a origem interna deste mesmo fenômeno.

IV) Motivações pessoais

Além de todos os elementos que contribuem na construção do fenômeno do uso abusivo de bebidas alcoólicas, não podemos esquecer das motivações pessoais que levam algumas pessoas Mbyá a beberem. E aqui entramos em outra dimensão complexa do fenômeno, já que as motivações pessoais são as mais diversas e dependem da situação de vida específica de cada pessoa que bebe. Pretendemos aqui apontar as motivações mais enfatizadas pelos Mbyá.

A primeira dessas motivações é a própria vontade das pessoas que bebem: “(...) *a gente tá tomando porque quer, ninguém tá obrigando*” (Juanzito).

Nesse sentido, muitas lideranças indígenas respondem a pergunta “porque bebem?”, afirmando que, “*os Mbyá bebem porque gostam*”. Ao mesmo tempo em que alegam, que isso é uma prova colocada pelos Deuses para testar a crença Mbyá.

O indigenista da FUNAI nos coloca que os Mbyá quando bebem são movidos pela busca da alegria e do prazer que o consumo de bebidas alcoólicas proporciona. Entretanto, devido a estes mesmos sentimentos, torna-se difícil para a pessoa ter um controle sobre a quantidade de bebida ingerida.

Nesse sentido, alguns dos Mbyá afirmam que gostam de “tomar” para ficarem “com alegria”, para terem “felicidade”, para fazerem “festa”.

Outro elemento que os Mbyá apresentaram em suas colocações e que pode levar a pessoa a beber, é a sensação de que a cachaça dá “experiência” para aquele que bebe, ou seja, uma pessoa que normalmente não se destaca por pensamentos e colocações sábias pode, ao beber, demonstrar através do seu discurso, alguns conhecimentos.

Outro sentimento que pode levar a pessoa a tomar bebidas alcoólicas é a tristeza: tanto a desencadeada pela comparação entre os tempos de antigamente e as atuais situações de vida de algumas famílias Mbyá-Guarani; quanto a tristeza de um casamento desfeito, seja por traição seja pela morte, quando a esposa ou o marido abandonam o seu companheiro. Em ambos os casos se bebe para esquecer.

B) Conseqüências desencadeadas pelo consumo de álcool

Um dos problemas mais sérios causados pelo uso de bebidas alcoólicas é a violência desencadeada entre os próprios parentes Mbyá-Guarani. As “festas de branco” são os momentos privilegiados para a ocorrência das brigas.

Entretanto, também há violência no espaço do cotidiano, já que tem alguns “tomadores” usam a cachaça diariamente. Geralmente, quando embriagados, tanto nas festas, quanto no dia-a-dia, o motivo das desavenças entre maridos e mulheres é o ciúme e a desconfiança por parte de um dos componentes do casal. Nesse sentido, o tornar-se violento afeta as pessoas que estão mais próximas ao bebedor que não tem limites e nem controle para beber.

Outro aspecto a ser considerado é que quando as pessoas bebem e dançam ao som da música sertaneja nos “bailes do branco”, o seu pensamento é direcionado para o sexo (*jerokua*), enquanto que com os cantos e a dança sagrada realizados na *Opy*, o pensamento da pessoa mantém-se ligado a Deus e, conseqüentemente, ao *nhe'ë*. Com isso, as relações

tradicionais de parentesco e as regras de postura para com os parentes, seja o cônjuge ou não, podem ser quebradas. Isso nos leva às situações em que as relações afetivo-sexuais prescritas pela cultura são rompidas. Por exemplo, casos de incesto.

De acordo com os Mbyá, o *cau* não tem condições de sustentar e cuidar de sua família, pois bebe até cair ou até acabar a bebida, além de tornar-se violento com sua família. Entretanto, existem situações em que se trabalha bebendo ou se bebe trabalhando, quando o Mbyá ao mesmo tempo em que faz o seu artesanato, guarda a seu lado uma garrafa de cachaça, o que não o impede de tornar-se agressivo com seus parentes. Como dizem os *karai*: “*a canha não tem parente, não tem pai, nem mãe, nem irmão, nem filho! A canha é sozinha*”.

Também encontramos a situação das crianças que são criadas vendo seus pais beberem e embriagarem-se freqüentemente, presenciando, e às vezes sendo vítimas, da violência gerada pelo consumo abusivo do álcool. Também acontece, dos casais que fazem uso regular de bebidas alcoólicas, darem bebidas a seus filhos como forma de mantê-los “calmos” enquanto eles divertem-se nas festas.

Como as comunidades onde há a maior incidência do uso de bebidas alcoólicas estão, em sua maioria, localizadas em Acs. na beira das estradas, o risco dos atropelamentos por automóveis é sempre presente. Assim como, o perigo de outros acidentes, como quedas, tombos, etc.

A consequência mais séria considerada pelos Mbyá é o impacto do uso de bebidas alcoólicas sobre a pessoa Mbyá, sobre a sua relação com o *nhe'ë* e com *Nhanderu*, impossibilitando-a de realizar-se plenamente na medida que a impede de alcançar a Terra sem Mal.

A pessoa que bebe demais e perde o “sentido”, ultrapassa limites e faz coisas que não deve. Assim, age contra o *nhe’ë* que, ao não possuir outra alternativa, afasta-se dela, deixando-a sem proteção. Este afastamento se dá de forma gradual, na medida em que o *cau* age em dissonância com os ensinamentos de *Nhanderu*. Enquanto isso, o pensamento do “bebedor” torna-se “lavado” pelo álcool e ele vai perdendo o seu “sentimento profundo”, aquele que o liga ao espírito.

Ao estar sem proteção vários perigos ameaçam a pessoa, inclusive o de morrer atropelada por um carro ao atravessar à estrada, isto é, a pessoa não morre porque está bêbada, mas sim porque está sem a proteção de seu *ñe’ë*.

Se o *nhe’ë* afasta-se da pessoa, os *Anha* e os *mbogúá* que vagam na terra, aproximam-se e passam a exercer uma influência nefasta, levando o *cau* (bêbado) a brigar com os seus parentes e o expondo a riscos de acidentar-se.

Outro problema sério que o uso de bebidas alcoólicas pode trazer à pessoa que bebe, é fazer com que ela passe a ter uma vida sexual desregrada, já que o *nhe’ë* já se afastou e o seu pensamento está direcionado para o sexo. Por um lado, é o perigo da pessoa quebrar as regras que proíbem a relação sexual entre membros do próprio grupo; por outro, é levar a pessoa a ultrapassar as fronteiras étnicas e cosmológicas existentes entre o mundo Mbyá e o “mundo dos brancos”, levando o Mbyá a relacionar-se sexualmente com o branco.

Tanto na primeira situação quanto na segunda, os filhos que porventura venham a ser gerados nestas relações, idealmente, não deveriam ser nem batizados e nem atendidos pelo *karaí* em casos de doença, porque são mestiças²¹.

²¹ “ (...) não significa que o *karaí* não sabe... *Karaí* sabe, mas ele não é pode tratar essa parte! Quando o *karaí* trabalha na *Opy* é muito delicado! *Karaí* tem que se cuidar! Não é que não quer tratar ou porque quer jogar a pessoa... É que ele que não quer sair mal, prejudicado, entende? Porque se eu sou *karaí*, comparação, e se ele não tem pai, que é prejudicação? Porque Deus não permite colocar o nome Guarani!

Aqui chegamos à importante relação responsável por manter a saúde Mbyá-Guarani: *nhe'ë*, nome e pessoa. Ao não possuir pai ou mesmo se a criança for filho de branco, ela está impossibilitada de ter um nome guarani. Se ela não possui nome é porque não apresenta *nhe'ë*, e assim não pode beneficiar-se dos serviços do *karaí*: é uma não-pessoa. Este ser não está ligado a Deus, vive somente porque existe uma “energia no corpo”, que ao morrer transformar-se-á em *mboguá*. Alias, o seu destino é a morte, já que este ser não conta com a proteção divina.

Além disso, não podemos nos esquecer das demais patologias que estão associadas ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas e que podem ser potencializadas pela cultura do beber vigente entre os Mbyá-Guarani: desnutrição infantil, diabete, tuberculose, síndrome fetal alcoólica, DST-AIDS.

A experiência da doença desencadeada pelo uso abusivo de bebidas alcoólicas, que tem sua causa maior no “mundo do branco” responsável pela “fabricação da *canha*”, atua sobre a pessoa Mbyá-Guarani em sua totalidade. Nesse sentido, acessa níveis distintos de ação e interpretação que emergem a partir de um pano de fundo cosmológico - a concepção dualista da alma Mbyá-Guarani e sua relação com o cosmos. O beber faz parte do *teko achy* – produto do modo imperfeito do viver – e o constrói; ao mesmo tempo, leva ao afastamento do *nhe'ë* –espírito divino. Mas ao mesmo tempo a prática do beber Mbyá também incorpora elementos e práticas provenientes do contato interétnica e nesse sentido forma uma cultura do contato específica: a cultura do beber Mbyá-Guarani.

Porque ai não tem uma direção. Porque eu sou Karaí, né... Sou filho do Karaí; e ele é Verá então são filho de Tupã, digamos assim. Então, ele não pode receber esse nome! Ele pode receber mas negativo. Se tem quatro, cinco pai o karaí não pode trabalhar! Porque não sabe qual é o nome! E depois, o que que vem ali? Por fora vem assim: se coloca um nome e se ele não tá criando, aí o pai vai falar: “porque eu levei no karaí, karaí fez isto e isto e a criança tá sofrendo?” Porque não sabe qual a doença! Esse que quero dizer. Então isso, tudo isso é uma coisa, uma complicação muito séria. E isso porque que acontece? Por causa da bebida! Porque o álcool circula muito no corpo e manda fazer qualquer coisa! (...) Não é porque não quer... Por isso pro karaí muito difícil de trabalhar com questão de criança mestiço”. (Felipe Brizuela)

Podemos afirmar que, enquanto os rituais na *Opy* levam a um estado de consciência agregador do cosmos, através de símbolos religiosos e técnicas corporais específicas; os rituais realizados dentro de uma “cultura do beber” – festas de branco: bailes, jogos de futebol e jogos de carta – desencadeiam um estado de consciência desagregador do mundo, pois rompe com as regras tradicionais colocadas pela cultura.

Enquanto o primeiro mantém a pessoa ligada ao *nhe'ë*, direcionando e concentrando os seus pensamentos em *Nhanderu*; as bebidas alcoólicas, direcionam o pensamento da pessoa para o sexo, sendo o motor da violência, da desestruturação familiar e comunitária. Enquanto no primeiro caso as pessoas colocam-se sobre a proteção da divindade prevenindo-se das doenças; no segundo, elas ultrapassam limites cosmológicos ficando sem a proteção e sem a força de seu espírito divino e de Deus.

Enquanto o canto e a dança realizados na *Opy*, ensinam o caminho pelo qual a pessoa deve manter-se ligada ao seu espírito divino, fonte de boa saúde; as bebidas alcoólicas direcionam e abrem o caminho para os *mboguá* e para os *aña* que aproximam-se do bebedor levando-o à doença e à morte.

Enfim, como podemos perceber a incidência do uso de bebidas alcoólicas entre os Mbyá-Guarani aumenta, na medida em que os fatores necessários à manutenção do sistema cultural (*nhande rekô*) – terra, *Opy* e *karái* – estão ausentes.

C) Notas sobre as Reuniões dos Karái e os Xondaro Marãgatu

A realização da I, II e III Reuniões dos *Karái*, Caciques e Representantes Mbyá-Guarani sobre o Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas e Alcoolismo - RS, teve como objetivo atender a solicitação feita pelos *karái* de diferentes Aldeias Mbyá, à equipe de

pesquisa do Diagnóstico Participativo Sócio-Histórico e Antropológico sobre a Manifestação do Alcoolismo entre os Povos Indígenas no RS: Subprojeto Mbyá-Guarani.

Na I Reunião realizada em dezembro de 2000 na TI de Salto do Jacuí, Salto do Jacuí, as lideranças Mbyá chegaram as seguintes conclusões: 1º.) É possível diminuir o consumo de álcool nas comunidades indígenas através do conselho e da reza, ou seja, das palavras boas; 2º.) Que as reuniões gerais devem ter continuidade passando a ser realizadas em outras Aldeias com o objetivo de organizar internamente as comunidades; 3º.) Todas as comunidades devem ter *Opy* para que os *Karaí* continuem a existir.

Na II Reunião dos *Karaí* que aconteceu um ano depois, em novembro de 2001, na Aldeia de Campo Molhado, Maquiné, as lideranças Mbyá criaram uma equipe de aconselhamento chamada *Xondaro Marãgatu*, composta por 6 pessoas. Sob a orientação dos *karaí*, os *Xondaro* devem percorrer as comunidades que possuem problemas com o uso abusivo de bebidas alcoólicas²² para levarem a sua mensagem. Estes conselhos são repassados para as comunidades através das “palavras boas”(ayvu porã) que, por serem palavras inspiradas pelo *nhe'ë* e pelos deuses possuem atributos terapêuticos, pois elas tem o poder de emocionar as pessoas. Os *Xondaro Marãgatu* fizeram o seu primeiro itinerário entre os meses de outubro e dezembro de 2002.

Em julho de 2003 realizamos a III Reunião dos *Karaí* Mbyá-Guarani, momento em que foi avaliado a primeira etapa do percurso dos *Xondaro marãgatu*. A segunda etapa do Percurso Terapêutico dos *Xondaro Marãgatu* está prevista para os meses de outubro de novembro de 2003.

²² Ac. do Espiraiado, Maquiné; Acs. De Passo Grande e Passo da Estância, Barra do Ribeiro; TI do Canta Galo, Viamão; TI de Inhacapeun, São Miguel das Missões; TI de Salto Grande do Jacuí, Salto do Jacuí.

BIBLIOGRAFIA

BUCHILLET, Dominique(org.). *Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia*. Belém, MPEG/UEP, 1991.

CADOGAN, León. “*Chonó Kybwyrá: Aves y Almas en la Mitología Guarani*”. Revista de Antropologia, SP, v. 15-16, 1967-68.

----- “El concepto Guarani de ‘Alma’; su interpretación semantica” . Folia Linguistica Americana, n. 1, vol. I, Ed. Keiron, 1952.

----- “La encarnación e la concepción: la muerte y la resurrección en la poesía sagrada “esotérica”de los Jeguaká-va Tenondé Porã-güé (Mbyá-Guarani) del Guairá, Paraguay”. SP, Revista do Museu Paulista, n. s., vol. IV, 1950.

----- “Las creencias religiosas de los Mbyá-Guaraníes”. Boletim de Filologia, V. 40, nº 42, 1949.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. SP, Livraria Pioneira, 1976.

CLASTRES, Helenè. *A Terra sem Mal*. SP, Brasiliense, 1978.

FERREIRA, Luciane Ouriques. “*Mba’e Achÿ: a Concepção Cosmológica da Doença entre os Mbyá-Guarani num Contexto de Relações Interétnicas*”. Dissertação de Mestrado. POA, PPGAS/UFRGS, 2001.

----- Relatório Etnográfico da I Reunião Geral dos Karai, Caciques e Lideranças Mbyá-Guarani sobre o Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas e Alcoolismo – RS. POA, CIPSI, 2001.

----- Relatório Final do Diagnóstico Participativo Antropológico sobre a Manifestação do Alcoolismo entre os Povos Indígenas no RS: Subprojeto Mbyá-Guarani. POA, CIPSI, 2002.

GARLET, Ivory & ASSIS, Valéria S. de. *Diagnóstico da População Mbyá-Guarani no Sul do Brasil*. São Leopoldo-RS, COMIN, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

LANGDON, Jean. “Representação de Doenças e Itinerário Terapêutico dos Siona da Amazônia Colombiana”. In: SANTOS, Ricardo & COIMBRA, Carlos (org.). *Saúde e Povos Indígenas*. RJ, Fiocruz, 1994.

----- “O que Beber, Como Beber, e Quando Beber: o Contexto Sociocultural no Alcoolismo entre as Populações”. In: *Saúde, Saberes e Ética – Três Conferências sobre Antropologia da Saúde*. Antropologia em Primeira Mão. Fpolis, PPGAS-UFSC, 1999.

LANGDON, Jean (org.). *Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas*. Fpolis, UFSC, 1996.

LARANJEIRA, Ronaldo et al. “Consenso sobre a Síndrome de Abstinência do Álcool (SAA) e o seu tratamento. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22(2). São Paulo, 2000.

MELIÀ, Bartomeu. “La Terra-sin-Mal de los Guarani: Economía y Profecía” *América Indígena*, Vol. XLIX, nº 3, 1989.

-----“*Los Guarani-Chiriguano: Ñande Rekó, nuestro modo de ser*”. La Paz, Cipca, 1988.

NIMUENDAJÚ, Curt. *As Lendas de Criação e Destruição do Mundo: como Fundamentos da Religião dos Apapocíva-Guarani*. São Paulo, Hucitec-Edusp, 1987.

SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.

VIETTA, Katya. *Mbyá: Guarani de Verdade*. Dissertação de Mestrado, POA, PPGAS/UFRGS, 1992.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté os Deuses Canibais*. RJ, Jorge Zahar, 1986.

